

Gumbrecht, Hans Ulrich. *Elogio da beleza atlética*. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Marcos Silva\*

Este trabalho tem por objetivo apresentar em linhas gerais o livro mais recente do professor da Stanford University Hans Ulrich Gumbrecht, onde defende a existência de uma compleição estética, filosófica, inerente à performance atlética. Sua obra *Elogio da beleza atlética*, publicada no Brasil pela editora Companhia das Letras em 2007, tem como proposta principal justificar a consagração e fascínio do esporte moderno em nossa sociedade. Seu autor tenta explicar em parte a paradoxal apatia e negligência freqüente do meio acadêmico em assumir a legitimidade estética frente à importância e impacto cultural do esporte. Para tanto, as perguntas que me parecem centrais em seu livro podem ser apresentadas assim: Por que as imagens ou lembranças esportivas provocam sensações tão intensas? E por que a “alta cultura” não compartilha ou acompanha a euforia popular à beleza atlética? Por que o esporte deveria ser tomado como assunto periférico? Gumbrecht restaura a cidadania intelectual do esporte com um trabalho de traços acadêmicos ao enfatizar a necessidade de pensarmos os fenômenos esportivos e sua centralidade crescente em nossas vidas. O autor do *Elogio* afirma que os acadêmicos não têm “disposição afetiva e tom de escrita” para tratar da beleza atlética, o que mostra uma incapacidade intrínseca de se concentrarem nos movimentos e não em aspectos exógenos ao esporte. Este é fundamento da crítica e a proposta mesma do livro: estimular a capacidade do espectador de considerar o esporte em toda a sua exuberância estética sem fazer menções a aspectos extrínsecos ou estranhos a ele.

Com este trabalho pretendo, numa primeira parte, elogiar a iniciativa do elogio de Gumbrecht ao esporte e destacar seu livro como um

---

\* Doutorando Filosofia pela PUC-Rio, bolsista CAPES. E-mail: marcosilvarj@hotmail.com  
Resenha recebida em 30.09.2010, aprovada em 26.11.2010.

marco feliz no estudo filosófico das práticas esportivas. E num segundo momento, pretendo mostrar brevemente que, apesar de me parecer conseqüente e adequada para muitos fins, a insistência de Gumbrecht em tratar exclusivamente do esporte sobre o prisma estético se mostra insuficiente para explicar todo o fascínio que ele nos provoca. Sua perspectiva não abrange, talvez propositalmente, outro fenômeno importante causador de nosso entusiasmo com as exibições de atletas profissionais: o evidente caráter moral de suas atividades. Infelizmente o livro de Gumbrecht minimiza ou simplesmente descarta como desencaminhador para o entendimento do esporte a sua esfera moral (p. 32, 35, 38), portanto, perde, a meu ver, a abrangência de seu elogio.

\* \* \*

Acredito ser a grande contribuição do livro trazer dignidade acadêmica aos jogos e aos esportistas profissionais modernos. O esporte merece e deve, sim, ser estudado sobre prismas sociológicos, antropológicos e também (por que, não?) filosóficos. Em todas estas disciplinas podem-se revelar aspectos interessantes, sob o devido olhar generoso. O “experimento intelectual” de Gumbrecht se direciona ao porquê do esporte fascinar tanto, provocando este arrebatamento coletivo, este entusiasmo memorável e irresistível nas mais distintas platéias, de distintas etnias e classes, de distintas culturas e nações. A resposta do autor do *Elogio* é categórica: o que causa este prazer irrestrito e democrático é a experiência ou a eminência da experiência estética que proporciona. Esporte é arte tanto como a dança ou o teatro são. Logo, deve ser admirado e estudado como arte, com todo seu esplendor e alcance filosófico, mesmo que não o percebamos usualmente assim.

Gumbrecht vai além. Afirma que o esporte é “a forma mais popular e intensa de contemplação estética”. Assim, justifica a admiração popular por eventos esportivos em estádios não raramente lotados e a necessidade recorrente de imortalizar movimentos de atletas em filmes, fotografias e quadros feitos como que para a melhor degustação dos seus movimentos e formas. Esta concepção parece explicar satisfatoriamente também seu inquestionável e crescente apelo comercial em propagandas e produtos esportivos. Destaco em seu livro os exemplos históricos de eventos

esportivos que denotam uma grata erudição, inclusive, da biografia dos grandes atletas-heróis consagrados pelo esporte. Pelo cansaço que demonstra e confessa em relação ao “tom supercerebral da fala e dos escritos dos acadêmicos” (p. 177) justifica-se em parte a sua escrita fluida e despreziosa. Contudo, a falta de referências e termos vagos como “a maioria dos historiadores”, “os cronistas recentes” ou “os acadêmicos em geral” são usados com frequência o que é desaconselhável mesmo para os leitores não-especializados.

Mesmo depois da leitura da defesa da tese de Gumbrecht não sabemos ao certo (e talvez não precisemos saber) porque assistir a esportes captura de forma tão irresistível a atenção e a imaginação de tanta gente. Este fato é eloqüente e faz parte da própria proposta do livro. Como algo banal que subitamente é transformado em arte pelo artista atento, acontece também a transfiguração do atleta em herói pelo esporte. Seu livro tenta explicar de maneira mais detida e sistemática esta transfiguração. É importante notar que Gumbrecht não trata de uma legitimação teórica de um prazer, mas procura entender um pouco melhor o fascínio. Assim, talvez possa intensificar o prazer estético de assistir aos atletas em suas performances e permitir, também, que louvemos nossos heróis do passado e do presente.

O livro de Gumbrecht não trata, então, de responder à apatia acadêmica em relação ao esporte com uma “benção verborrágica” que embora bem intencionada pudesse fazê-lo distante de seu afeto evidente. Um livro que mostra este nível de generosidade de olhar, de lirismo e de calor de descrições, cheias de sugestões visuais, só poderia ser mesmo escrito por um fã apaixonado. Tudo parece tentar corporificar suas agradáveis lembranças de um passado solene de experiências estéticas inesquecíveis. Deste modo, a identificação do leitor com a letra do texto e com as idéias de Gumbrecht é quase automática.

O *Elogio* é composto por quatro partes ou seções principais: Definições, Descontinuidades, Fascínios e Gratidão. É acompanhado de uma introdução e de uma seção final de agradecimentos afetuosos. Acredito que esta curta seção final completa o caráter provocativo em relação aos trabalhos acadêmicos – tônica do livro – porque parece substituir intencionalmente a tradicional seção de bibliografia predominante em

trabalhos acadêmicos por lembranças afetivas em tom bem ameno e pouco formal.

Em sua introdução, Gumbrecht descreve casos exemplares que compõem sua memória afetiva de eventos esportivos. Conta a estória de um menino fascinado com a violência do hóquei e o movimento de um goleiro sólido de olhar fixo; com movimentos esquisitos e grotescos do sumô, mesmo contra o cânone da beleza ocidental; com a coreografia e ritual dos lutadores; com o charme, beleza e graça de movimentos e concentração de um velocista. Lá, descreve também, de memória, um time medíocre de futebol, mas muito popular pelo fascínio que o goleiro exótico, visto como herói pelas crianças, causava; desenha a transfiguração de derrotados de guerra em eufóricos triunfantes pela presença de eventos esportivos como nas Olimpíadas de Tóquio 64 e na Copa do Mundo vencida pela desacreditada Alemanha em 54; descreve ricamente um belo gol marcado à custa de sacrifício e de lesão do artilheiro; finalizando com a estória do pugilista Cassius Clay e suas frases de efeito, propagandas de si e sua hegemonia inapelável no boxe.

Em todos os exemplos, de esportes de nações variadas – esta internacionalidade é um acerto do autor –, Gumbrecht tenta ressaltar que “não precisa ser o melhor para que o atleta seja transfigurado pelo esporte aos olhos dos espectadores apaixonados” (p.17), justamente por um necessário distanciamento entre atleta e espectador, característica da insularidade assumida pelo autor como nota definitiva do fenômeno-esporte. Outro ponto importante é a necessidade da presença física para o efeito estético. “Mesmo com suas lembranças adormecidas, às vezes elas surgiam com um impacto brusco, convencendo-o, com uma nostalgia gostosa, de que nada jamais fora tão intenso ou estressante quanto aqueles momentos de presença física num evento esportivo” (p.20). Isto de maneira que cada momento novo ressuscita o passado em seus símbolos mais complexos e poderosos, mesmo mostrando que o novo não ultrapassa a singularidade do antigo. O esporte ganha, então, o papel de redimensionamento do presente, tornando-o mais complexo a medida que envolve o passado com uma aura que lhe confere glória e, às vezes, mais sobriedade. “Esses são os dois aspectos de uma transfiguração que só o esporte é capaz de produzir” (p.20). Generosa e simetricamente, o esporte intensifica o presente, reavivando o passado.

Na seção de *Definições*, Gumbrecht prepara o terreno para sua tese. O autor descobre na obsessão da filosofia ocidental em enxergar além de aspectos materiais, privilegiando o lado espiritual do mundo, o motivo central do esquecimento acadêmico do esporte. Corpos e movimentos outrora minimizados são consagrados em seu trabalho. Pretende, pois, dar autonomia estética ao movimento dos atletas sem remetê-lo a sentidos externos. Escreve esporte como esporte e pelo esporte, tentando “manter os olhos e a mente concentrados nos corpos dos atletas, em vez de abandonar o tópico do esporte para interpretar esses fenômenos como “função” ou uma “expressão de alguma coisa”. (p. 35) A vontade de fixar esta idéia através de um elogio vem da necessidade de manifestar sua gratidão e entusiasmo por ter visto algo tão belo. O seu “experimento intelectual” faz com que sua abordagem se compromissasse com as formas da beleza atlética em vez de ceder ao impulso metafísico, a meu ver, inevitável, de interpretá-las. Acredito que ver o esporte como símbolo, talvez moral, não é incompatível com a visão estética proposta por Gumbrecht. Talvez sejam até posturas complementares. Esta crítica aparecerá mais adiante.

O autor do *Elogio* segue destacando que o seu trabalho tem sua raiz na gratidão aos atletas pela “epifania da forma” de seus movimentos, ao mostrar também o que está por trás da beleza específica do esporte. Para tanto, define esporte por uma sugestão wittgensteiniana de semelhança de família, porque ela deve nos permitir ver como estão relacionadas as várias práticas que usualmente denominamos esporte permitindo inclusive sua vocação estética. O ponto de vista desejável para uma definição de esporte é a perspectiva da presença em contraposição da esfera do significado, segundo o autor. Temos, então, marcas importantes: a importância dada ao corpo em detrimento da razão, contigüidade às coisas do mundo, inscrição dos corpos em padrões regulares e ritualísticos; possibilidade da violência, do choque em potencial e da destreza em evitá-lo; não dependência de inovações, todo seu início é um acontecimento em si; não inclusão de lugar para ação ficcional e, finalmente, a consolidação de um paradigma de signo que coordena, no corpo, forma e matéria. Além disso, o esporte como a arte só acontece durante a performance competitiva (*agon*) que visa levar a atividade ao limite de excelência (*arete*). Segundo Gumbrecht, a conjunção entre competitividade e superação encontra sua convergência ideal no impulso esportivo.

Em sua seção *Descontinuidade*, o autor pretende defender que não há continuidades na história natural do esporte e que não há movimento de decadência das práticas e jogos, onde uma autenticidade primordial tivesse sido gradativamente perdida. Aqui, a questão do porquê do esporte ser cada vez mais abrangente e importante em nossa época é respondida por uma procura cada vez maior e sistemática de uma esfera de presença que nos afasta da hegemonia dos significados. Desta forma, Gumbrecht faz recortes idiossincráticos e parciais na história para dar conta do seu elogio da beleza atlética. Entretanto, muitas vezes apesar de afirmar que se basearia centralmente na visão do espectador se concentra na análise de fatores influentes nos praticantes, como revela os títulos dos capítulos desta seção: Semideuses, sobre atletas gregos; gladiadores, sobre os combatentes romanos; cavaleiros, “jogadores” da idade média; rufiões, atores que representam esporte no começo da idade moderna; esportistas, marcando o nascimento do esporte profissional; até chegar aos consumidores da segunda metade do século XX, se concentrando, finalmente, na figura do espectador, enfatizando os apelos comerciais crescentes vindos dos atletas cada vez mais mediatizados.

Em sua seção *Fascínio*, Gumbrecht trata do ponto médio entre a performance e o ato de julgá-la. “Fascínio se refere ao olhar que é atraído pelo apelo de algo que é percebido” (p. 109). O autor traça, então, uma tipologia de fascínios com o objetivo de captar a complexidade dos movimentos que apreciamos tanto. Os corpos esculpidos mostram a admiração do intelecto pela harmonia e engajamento físico. O sofrimento do atleta faz com que conquistem amor e admiração dos espectadores que se identificam com os dramas representados. O estado de natureza dos movimentos gera a graça em vê-los. A relação simbiótica entre instrumentos e os corpos dos atletas é ponto alto de muitos esportes. As formas personificadas, gerando complexidade, inovações e ousadia marcam momentos de epifania. O *timing* dos atletas é algo sem dúvida admirável: a possibilidade do movimento certo na hora certa numa fusão perfeita entre percepção e prática. Gumbrecht termina esta seção sugerindo um programa com questões em aberto sobre o esporte. Como a que ele indica ser a mais difícil de ser respondida: por que o fascínio recente por esporte é capitaneado grandemente por jogos com bola?

Na seção *Gratidão*, tenta explicar o dilema moral de se perdoar o ex-atleta, que comete erros em sua aposentadoria, pela lembrança de seu auge estético. Gumbrecht tenta, pois, explicar a convergência entre espectador e atleta apesar da diferença óbvia, e às vezes radical, de investimento corporal entre os dois. Distingue, então, o espectador analítico do espectador que investe emocionalmente na sua comunhão e identificação com outros espectadores e com os atletas. “São dois espectros de possíveis atitudes do público”, afirma ele (p.150). Como vê na esfera da presença a própria possibilidade do esporte e conseqüentemente do seu fascínio, afirma que “para milhares de fãs do passado, fazer parte da multidão que assiste a um evento esportivo proporcionou a chance de uma imersão no universo da presença” (p.151). Como sem a co-presença física não há o imprescindível fenômeno da presença esportiva, é necessário, então, uma dinâmica de troca de energia: misto de tensão primordial e sensação triunfante. “Acompanhar um evento esportivo ligado aos atletas e à multidão é algo capaz de proporcionar alguns dos momentos mais emocionantes e viciantes de nossas vidas.” (p.160) Eventos esportivos não precisam de explicações teóricas ou ganhos concretos para emocionar. Gumbrecht termina seu livro destacando que o esporte é responsável por um – não muito bem definido – sentimento de gratidão para com os atletas que proporcionaram e proporcionam momentos de tão especial intensidade. Os atletas, segundo o autor, permitem a abertura, a possibilidade de deixar ver acontecer o inesperado e surpreendente. Assim, se justifica, plenamente, o elogio da beleza estética.

\* \* \*

Entretanto, será que, a despeito do que é assumido pela postura da presença de Gumbrecht, o desejo da comunhão inclusive física com a compra de acessórios ou souvenirs de atletas não tem nada a ver com a necessidade de internalização de um modelo, ou um símbolo? Será que o sofrimento do pugilista diante de uma adversidade que tanto inspira amor e fascínio não sugere, como viam os estóicos, que o esporte pode ser tomado como uma imagem arquetípica ou exemplo privilegiado da vida? Este sentido de exemplaridade pode ser facilmente estendido do boxe para a maioria dos esportes, senão a todos. Gumbrecht critica Sêneca (p. 79-80) por não acompanhar a visão de outros estóicos em tomar as lutas e a

serenidade dos combatentes como um símbolo da vida. Será que o autor do *Elogio* não comete o mesmo erro que condena ao fechar seus olhos proposadamente à esfera do significado? Esqueceria, então, de ver que o esporte, como um símbolo de vida, pode ser interpretado como um modelo ético. Desta forma, esporte poderia ser um fenômeno moral tão direto e contundente quanto estético. E ainda estaríamos dentro de uma perspectiva claramente filosófica.

Gumbrecht, no capítulo dedicado aos esportes na Roma Antiga, aponta a possibilidade de se afirmar que os gladiadores poderiam ser tomados como metáfora da existência humana. Afirma ele: “Nessa interpretação das competições de gladiadores, o combate em si, com a injustiça inerente a ele, era apenas o primeiro ato – uma pré-condição para a produção da hora da verdade. Demonstrar serenidade diante de tamanha incerteza poderia transfigurar o gladiador derrotado no verdadeiro herói do espetáculo – não o herói como semideus, mas um herói como símbolo da força física necessária para enfrentar a fragilidade humana.” (p.80) O que faço é aproveitar o argumento contido na crítica de Gumbrecht a Sêneca e estendê-lo, por achá-lo pertinente e razoável, para todo o esporte. Atletas não seriam semideuses, mas heróis-símbolos de força física e emocional para enfrentar a vulnerabilidade humana. Como consequência direta disso, o esporte além de ser belo seria também moralmente inspirador, porque poderia ser entendido por seus praticantes e espectadores como uma metáfora da vida.

A postura da presença permite ver o horizonte estético do esporte, mas impede a visão da significação moral evidente nas práticas dos atletas. Deste modo, na tipologia proposta por Gumbrecht, o fascínio pelo sofrimento dos atletas poderia ser visto como um fascínio mais primordial, porque revelaria no enfrentamento a superação tenaz do atleta das adversidades que o restringem e o coagem. O esporte revelaria um drama condensado de vida. Representaria um símbolo eficaz e direto da vida de todos. Os atletas admirados mostram um caráter de perseverança que reconhecemos imediatamente como sendo a melhor atitude para triunfamos sobre nossas (muitas) adversidades. Os atletas com suas belas performances mostram a necessidade de pelo corpo, em associação firme com a mente, e virtudes morais, como a tenacidade e coragem, ultrapassarmos nossos limites obstinadamente e triunfamos. O atleta é

transfigurado em herói porque encarna, por algum instante, um símbolo de superação e triunfo sobre si e outros. Conjugando esta esfera moral com a estética de Gumbrecht, poderíamos ter no esporte um fenômeno complexo de convergência inesperada (e bem-vinda!) entre estética e moral, entre belo e bom.

Infelizmente, Gumbrecht descarta a significação moral do esporte na sua explicação do fascínio. Entretanto, ao assumirmos o atleta como modelo moral ganhamos alguns predicados interessantes naturalmente atribuídos aos esportes: superação, disciplina, garra, tenacidade, abnegação, concentração, triunfo, solenidade... Como se explicaria, fazendo uso exclusivo do prisma da estética, por que o simples envolvimento de atletas com drogas causa mais comoção popular que os abusos recorrentes de artistas? Por que saber que um artista produziu uma obra sob o efeito de drogas não deslegitima sua obra como o *doping* de atletas deslegitima de maneira irrevogável seus feitos? Como responder estas questões sem fazer menção a uma natural e intuitiva expectativa de exemplaridade moral dos atletas que, a meu ver, não passa pela esfera estética? Talvez, assim possamos também explicar a aproximação, destacada por Gumbrecht, cada vez maior entre atleta profissional e o espectador praticante amador de esportes. O caráter imitativo apresentado pelos fãs parece indicar a tentativa de reprodução, em algum grau, da força e exemplaridade moral dos atletas. Acredito que amadores não praticam esporte somente para ficarem belos ou saudáveis, ou mesmo por estarem exclusivamente influenciados pela indústria dos planos de saúde ou pelo espírito do consumismo, como chega a sugerir Gumbrecht, mas para tentar também absorver ou internalizar, em parte, as virtudes morais dos atletas. Ser um pouco mais como eles. Ser uma espécie de atleta da vida também, um herói de si mesmo.

Seguindo este raciocínio poderíamos aprender na prática do esporte o que falta na letra fria das escrituras religiosas: honestidade, hombridade, respeito, dignidade, espírito coletivo e solidário, redenção. Não é isto que se pretende em projetos sociais para promoção do esporte em comunidades carentes? Não é este o papel esperado do esporte na recuperação física e moral de ex-viciados em drogas? E não é isso que se enxerga no rosto esquálido, quase indigente, de um atleta no fim de um percurso exaustivo, mesmo que não ganhem, mesmo sem destaque? Acredito que atletas parecem fascinar a todos com sua transfiguração repentina em heróis pela

sua natural exemplaridade moral em desafiar seus limites conscientemente, *i.e.*, com pleno domínio e percepção de suas capacidades físicas e mentais. Destaco inclusive uma espécie de ideal de pureza, estranho à nossa contemporaneidade, na obrigatória recusa de substâncias que possam aumentar ou afetar seu desempenho natural o que, por seu turno, parece ser a razão de aditivos ilegais ou psicotrópicos serem terminantemente inadmissíveis, justificando desde advertências ou revisão de resultados a banimentos irrevogáveis de competições oficiais.

A resposta à pergunta lapidar e necessária muito bem posta pelo livro de Gumbrecht a respeito do que tanto nos fascina no esporte, pode, claro, se dirigir também à estética, mas, como tentei defender, pode ser moral também. O que nos fascina tanto na performance do atleta pode ser a sugestão de um drama condensado ou exemplo arquetípico da superação de limites externos e internos ao longo de um trajeto. As regras do esporte *mutatis mutandis* exercem um símbolo coercitivo imprescindível na composição de jogos, assim como as regras sociais e leis naturais, inerentes à vida humana, nos restringem também. De mais a mais, os atletas tentam superá-las a partir delas, consciente e diligentemente, *como nos deveríamos*. Aqui está o ponto.

O prazer de acompanhar a biografia esportiva de um atleta pode estar em incutir esperança e otimismo no espectador na sua tentativa de superação de seus próprios resultados e limites. Há algo de heróico na tentativa de superação de concorrentes e de si mesmo, mesmo malogradas. Talvez, por isso, em muitos casos atletas são celebrados mesmo em suas derrotas. Muitas vezes, e isto é o que tendemos usualmente a identificar como espírito esportivo, o esporte não trata especificamente de vitórias e derrotas ou excelência de movimentos (o aludido *arete*). Aprendemos que podemos ganhar mesmo perdendo se e somente se tivermos tentado com afinco e hombridade. Talvez, o esporte possa no fim ter menos a ver com competição ou excelência de resultados, como defende Gumbrecht, que com a sugestão de superação física e moral. Apesar de adversidades óbvias e muitas vezes intransponíveis, podemos ter forças – morais – para superá-las, mesmo que acabe não conseguindo.

Em um último exemplo, será que esta não é justamente a leitura óbvia, e certamente pretendida pelos seus organizadores e praticantes, na promoção ao fim de cada Olimpíadas de uma Para-Olimpíadas? Penso ser

notável que Gumbrecht no seu *Elogio* tenha esquecido os eventos esportivos, cada vez maiores e mais bem organizados, constituídos por atletas (heróis também) portadores de deficiências físicas ou mentais. É evidente que o apelo destes eventos é mais moral que estético. Reiterando: o esporte, portanto, pode funcionar como um modelo ético facilmente entendido e visto como melhor para a vida de qualquer um que tenha dificuldades, em maior ou menor grau, ou seja, serve como metáfora moral clara, direta, popular. Afinal, “somos todos torcedores”.